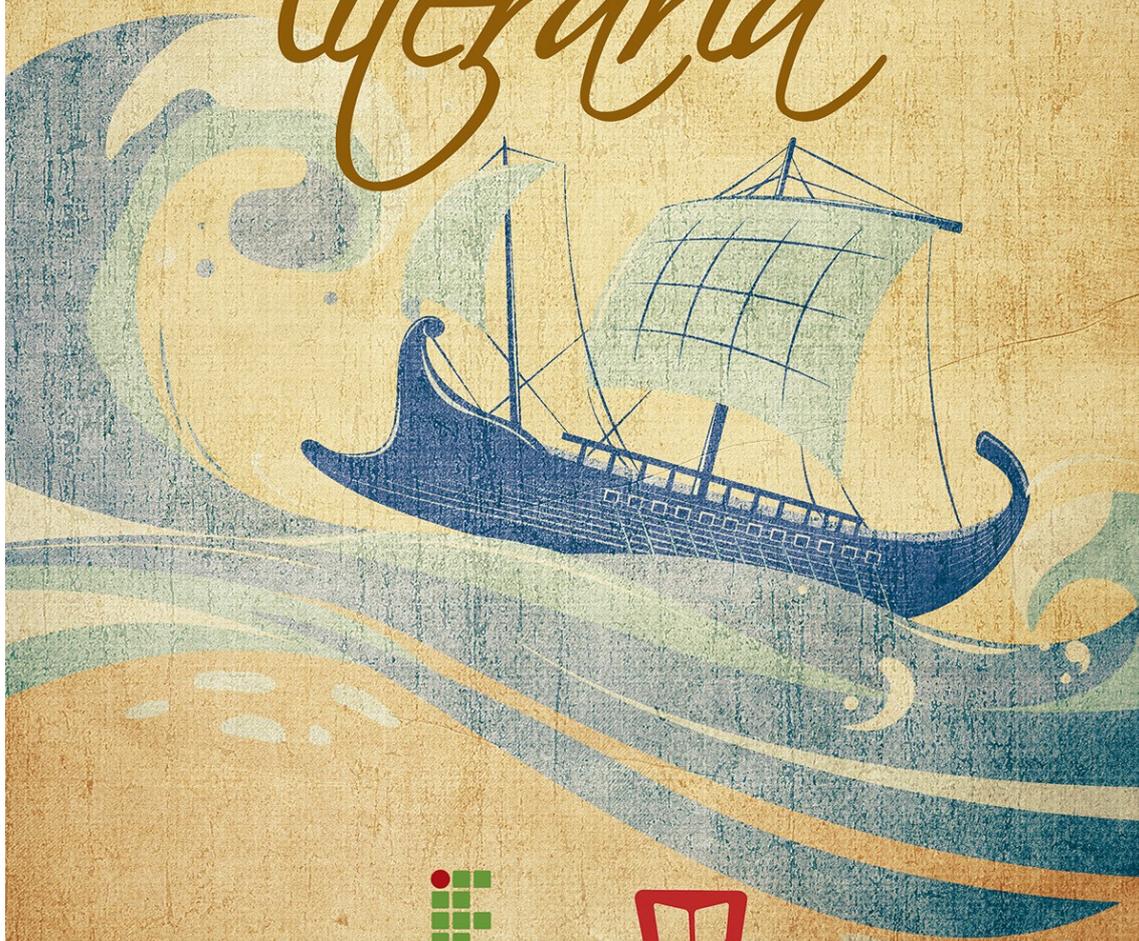


ODISSEIA

Literária



INSTITUTO
FEDERAL
São Paulo
Câmpus
São Paulo



EDITORA
IFSP

ODISSEIA
Literária

N° 2, vol. 2, 2022

EXPEDIENTE – 2022

Editor Gerente

Professor Doutor Carlos Vinicius Veneziani dos Santos (em memória)

Docente do IFSP, Pesquisador do GPLEC – Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais

Editora de Seção

Professora Doutora Carla Cristina Fernandes Souto

Docente do IFSP, Líder do GPLEC – Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais

Assistentes de edição

Fernanda Correa Salsman

Discente do IFSP, bolsista no Projeto “Abraça um autor”.

Designer

Alessandro Rossi Lopes

Programador Visual do IFSP

EXPEDIENTE – 2024

Editora Gerente

Professora Doutora Carla Cristina Fernandes Souto

Docente do IFSP, Líder do GPLEC – Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais

Editores de Seção

Professora Doutora Kelly Mendes Lima e Professor Doutor Rodrigo Silva Trindade

Docentes do IFSP, Pesquisadores do GPLEC – Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais

ODISSEIA
literária

N ° 2, vol. 2, 2022

APRESENTAÇÃO

Por Kelly Mendes Lima

E enfim temos mais um número de nossa Odisseia Literária...

Após um vácuo, não sem poucos motivos, de dois anos, nossa publicação retorna à luz, dessa vez com textos de diferentes gêneros (conto, poema, crônica) vencedores do 4º Concurso Literário Abrace Um Autor, de 2020.

Trata-se de um conjunto tecido pelo binômio mais prolífico das Artes: vida-morte – e, como integrantes desse ‘conjunto’, consideramos aqui não apenas os textos verbais *strictu senso*, mas também outros de ordens outras, como, a partir de pensadores inúmeros (Roland Barthes, Jacques Lacan, Benedict Anderson...), podem ser considerados os indivíduos, as identidades, as nacionalidades, as nossas existências de cada dia. Afinal, como já nos impactou Fernando Pessoa, “somos contos contando contos”.

Nesse sentido, o primeiro texto invocado aqui é o de Carlos Vinícius Veneziani dos Santos (em memória). É um texto longo, de 50 anos de vida, que deixou de ser produzido pelo próprio em janeiro de 2024 – não sem antes ter idealizado e executado com sua equipe o Abrace Um Autor. Em meio às linhas escritas por si, encontramos literatura, música, violão, banda de rock, pesquisa, docência, amigos, alunos, revista, concurso, quinze-reais. Nas linhas que acrescentamos às suas, homenagem, saudade, reverência, referência, deferência.

Os textos seguintes que passamos a apresentar, publicados na íntegra nesta edição, também estão de alguma forma ancorados no binômio vida-morte, ora pendendo para um de seus termos, ora para o outro.

Em “Enquadro: vídeo-reportagem retrata abordagens violentas da PM nas periferias de SP”, a faceta da morte evidencia-se já no título. Com domínio de recursos linguísticos modernos, seu autor, o convidado Lucas Agostini, tece literariamente sua crítica à violência estatal cotidiana que desconsidera, nas periferias, o direito à vida de toda e qualquer pessoa.

Marcelo Santos da Silva, com seu “Andarilhos”, parte do momento logo “depois do útero” para refletir sobre os caminhos e descaminhos da vida.

Na sequência, Airton Souza de Oliveira, em “Horóscopo de batizar brumas contra a solidão das asas”, liricamente constrói um texto com

ODISSEIA
Literária

Nº 2, vol. 2, 2022

tintas de poema-cura para a dor da morte de um querido ente assassinado.

Já Antonio Augusto Teixeira Pinto de Moraes, com sua produção calcada em gênero digital intitulada “O passarinho leviano e a pombinha caprichosa”, sugere só ser possível dar vida a um sentimento amoroso significativo quando se ousam matar as vãs tentativas, ilusórias mais para si do que para o outro, de controlar e intrujar o sujeito amado-amante.

Com “Sentido”, Raquel Junqueira Guimarães prolonga a vertente amorosa e seu possível (ou não) sentido, com ênfase na cotidianidade desse sentimento, que (res)surge nas fissuras da vida ordinária para dar-lhe maior e melhor existência.

Por sua vez, Lívia Ferreira Rocha Souza, com seu conto mitológico “Adhiambo”, reforça a potência do binômio vida-morte: para a chuva existir e gerar vida, é necessário que alguém prescindia de seu próprio viver.

Em “Eros uma vez”, Luís Henrique Sacchi apresenta sua modernização do *script* de conto de fadas – Princesa e Príncipe, na tentativa de fuga da morte-final que nos espreita diuturnamente e nos enche de ansiedade, angústia e tristeza, acorrem à trágica escolha de uma morte-em-vida das “pílulas coloridas”.

Em sua sucessão, “Nada é vão, tudo é sólido”, de João Marcelo Francisco Felício, traz-nos mais uma aparente contradição dos termos aqui em jogo, já que a morte de um amor que se supunha ultrapassar os limites do fim derradeiro, por vezes, como no caso, é o que permite que a vida se prolongue um pouco mais.

Com “Guilherme”, Manuel Tomas enseja a coragem de nos permitirmos a morte de uma face de nossa identidade já infrutuosa, e com isso nos autorizarmos a uma vida – diferente da planejada, mas nem por isso menos válida.

Rumando ao final deste número, Tadeu Renato Botton Ribeiro, com “Pescadas”, dá vida às vozes-memória de nossa infância, que podem diminuir o medo da morte que por vezes insiste em nos aparecer em meio à escuridão.

Como último texto, “Sextou”, de Jaqueline de Oliveira Alves, no fechamento de um eterno ciclo (semanal, mas que bem poderia ser diário, mensal, anual...), relembra-nos de nossa busca de um sentido para a vida em meio ao cotidiano – e de como, de tempos em tempos, fugir desse imperativo pode ser a forma de nos mantermos sãos e a salvo.

Enfim, apresentados os textos que enredam este número, só podemos reforçar o convite à leitura desta Odisseia Literária. A arte, esta viajante transtemporal e transnacional, é nossa diletta guia na outra Odisseia, muitas vezes ambígua, chamada vida.

ODISSEIA
Literária

N ° 2, vol. 2, 2022

AUTOR CONVIDADO

Por Lucas Agostini

Enquadro: vídeo-reportagem retrata abordagens violentas da PM nas periferias de SP

Em 2015, a Polícia Militar de São Paulo fez mais de 3 milhões de abordagens na capital

255 mil por mês
8 mil por dia
300 por hora
5 por minuto

#1

Doses de domingo nas mãos dos mlks
Cada gole chama a fumaça do beck
E às 16 horas (reparem que ainda é cedo)
Jonas sai com seus amigos.

Como é bom caminhar num fim de domingo
Num lugar com ruas largas, perto de uma praça.
Na esquina Beirão acende o beck. Zóio fecha - boca t r a g a.
A Força também vira a esquina. Beirão nem apaga.

"PERDEU. SEU NÓIA, ENCOSTA!"
Olhos nos olhos e a glock imposta
"Qual goma vocês iam roubar?"

"Tamo só caminhando senhor, são meus amigos." - diz Jonas
"Amigo? Tá tirando?! Dá um soco na cara dele!
É bom dar soco na cara de outro homem né? *TOMA UM TAMBÉM.*"

ODISSEIA
literária

N ° 2, vol. 2, 2022

ANDARILHOS

Por Marcelo Santos da Silva

Depois do útero
Por onde andamos
Somos clandestinos
Em linha reta
Curva, côncava
Reflexo de tantos sonhos e vazios
Somos
A poeira, estrada
Porteira... indo e vindo
Transladando em calcanhares de Aquiles
Aquilo ali é o que se persegue?
Quimera, talvez...
Ideologia, talvez
Talvez o fantasma que sempre fomos.
Como mandacarus na estrada
A água na folha
Reflete o passar de tanta saudade
O tempo não tem piedade
E a lembrança é adaga alada
Dos carnaubais.
A bússola no peito
O vento é voz de Deus
Seguimos por tantos nós entre nós
Somos carcarás arredios
Andorinhas no arrebol
A casa é ninho ou coisa

Que se come no café
Com sol e janelas nos oitos pontos cardeais...
Entre rios e pedras
O homem esfaqueia a monotonia
E a menina conversa com as estrelas ao anoitecer.
Prece, oração
O sol, chuva
Deus é sertão
Depois do primeiro sereno
Serenos somos?
Seremos andarilhos por vias
Ou veias dessas artérias.
Existência...
O que é existir?
Ser ou não ser
É, ainda, a questão primordial?
O pão é caro
Um quilo de suor

Na face triste do olhar vazio do homem-fera
A rendeira traça o fio
E conta a história
De Maria , mãe de Maria e filha de Maria
Tantas mar e ilhas andarilhas por estes fins...
Via láctea
Entre umbigos
Cromossomos e átomos de pó
Somos poeiras
De redemoinhos de agosto

O mundo é líquido
É sal em sulcos
As Chagas sangram...
Em tantas casas estivemos
Cafés e sorrisos
Somos fragmentos de cada instante
Rascunhos anotados
Resiliência ...
O barulho do rosário insiste
O cacto insiste
O pássaro insiste
A criança insiste em sorrir
Somos a resistência
Entre porquês e saudades...
Na curva
Um cão
Ladra
Comunica seu medo
Alerta, alarde
Nos olhos escapa a alma
Andarilhos aqui não!
Na garganta
Um sertão enjaulado
Arranha o dia
O espinho de imburana
A testa sangra
E aponta ao Norte
Por onde não iremos
O vento faz curva

Na Baliza
Assovia
Açoita
A pedra
E tudo é paz entre os dedos.

De tantos Clãs
Outrora reis?
Navegadores? Tecelãs?
Bibliotecários de Alexandria?
Que gene gira nossos pés
Nestas matas de *Thrichomys apereoides* ?
O sal some as vísceras
O homem cai
Sem sonho
E com saudade do que não foi.
Andamos por muitos pés
Sem rastro
A luz do farol foi o último santo
Que rezamos sem remorsos.
Sete sertões andamos
De peito aberto
E punhais na alma
Exilados
Aclamados
Expurgados ipso facto
Por coronéis, papas e fadas, deveras
Os rios riem das pedras
Beijam as marés

Duas cobras serpenteando
Ubatubaaaa!
Tiiiimonha!
O sino soa
Na torre da Tamarineira
Há um ser-tão-rio que vaza dentro da gente.
Sem rima
Sem mar
Sem roteiro
Sem porquês
Indo entre tantos
Vindo de muitos
E, na curva
Os andarilhos somem.
Não sei se voltarão
Por estes trilhos sujos
Que o tempo traçou
Nas nossas veias.
“O fim é o começo
O começo é o fim”
Ouroboros.
sic mundus creatus est

HORÓSCOPO DE BATIZAR BRUMAS CONTRA A SOLIDÃO DAS ASAS

Por Airton Souza de Oliveira

No início da noite em que meu irmão,
antes de alcançar o alpendre,
foi assassinado com dez tiros
gritando para nossa mãe abrir a porta
eu aprendi a substituir deus por ícaro
e já não sei dizer: haja luz
porque a asa é a possibilidade de sibilar
todas as solidões enraizadas nos pés do pai.

Invertebrando o chão meu irmão
compreenderá mais de escombros que de carne
diluirá a delicada saudade de deus
migrando o músculo de seu próprio peito
contra as escamas emplumando orvalhos.

Na asa de ícaro nossa mãe
espalha um alfabeto com fome de pedra
derrama todas as madrugadas sem cais
e rezas para repatriar feridas nos pássaros.

Nosso pai crava pregos na garganta
engole o cheiro descomunal dos desertos
dilata os ângulos amargos dos ossos
e como um presságio experimenta acender diásporas.

No início da noite em que meu irmão

ODISSEIA
literária

N.º 2, vol. 2, 2022

foi assassinado com dez tiros
eu aprendi a devorar mais a carne de deus
do que a plumagem da asa de ícaro
com isso eu hoje perfumei o algoz em vez de sarar a fé.

2

Meu irmão com fome de uma língua contornada pelo mar, pergunta:
Quanto custa repartir o dorso entre desertos?
Pronunciar casas depois de imprevisíveis invernos?
Ancorar buganvílias na ausência das asas e da porta fechada?
Ou quais cicatrizes pronunciam salmos sem deus?

Essas perguntas são distâncias no coração do pai e da mãe
são ânforas pincelando arquipélagos
prontos a interromper o intento do voo
elas não definem a carne de deus
mas atravessam a sutileza dos olhos no céu
& vão devastando intermináveis azuis
na breve solidão dos telhados antes dos dez tiros.

Hoje não é possível saber o que mais pesa em meu irmão:
se o ímpeto que não demora mais na infância
ou a pátria que lamenta outonos em seu corpo.
É como se ele sangrasse pedras pela garganta
e fosse para sempre incapaz de nutrir perguntas
contra a urgência de acender a superfície: amor.

O PASSARINHO LEVIANO E A POMBINHA CAPRICHOSA

Por Antonio Augusto Teixeira Pinto de Moraes

De: Meu passarinho leviano

[<passarinho@desejo.e.paixao>](mailto:passarinho@desejo.e.paixao)

Enviada em: sexta-feira, 12 de junho de 2020 21:36

Para: Pombinha (Eu) [<pombinha@sonho.de.amor>](mailto:pombinha@sonho.de.amor)

Assunto: Dia dos Namorados

POMBINHA

Pombinha...
Cheirinho de amor
Na palma da mão.

Santinha...
Do meu coração
Fez sua casinha.

Tadinha...
Com sua ilusão
Se fez toda minha.

Bobinha...
Peguei pelo amor,
Daqui sai mais não!

De: Minha pombinha caprichosa

[<pombinha@sonho.de.amor>](mailto:pombinha@sonho.de.amor)

Enviada em: sexta-feira, 12 de junho de 2020 23:59

Para: Passarinho (Eu) [<passarinho@desejo.e.paixao>](mailto:passarinho@desejo.e.paixao)

Assunto: Re: Dia dos Namorados

PASSARINHO

Passarinho...
Só pousei na tua mão,
Ainda não sou tua, não.

De mansinho,
Cativaste meu carinho
E te abri meu coração.

Com talento,
Lograrás teu pleno intento
Se deixar de me iludir.

E vais vir...
E até me chamar de “minha”,
Pois eu serei a tua Rainha.

Mas, ligeiro,
Te farei um prisioneiro
Dentro do meu coração!

SENTIDO

Por Raquel Junqueira Guimarães

Maria Gabriela
Como o instrumento não tocado de John Cage
Como o aroma espelhado na palavra amora
Como todas as palavras poemas que guardo na memória
Há um sentido.
Como a chuva inesperada na tarde de outono
Como a minha presença na cidade em que não existe amor, e que o
[escreve.

Como o encontro da leitura com o que quer ser lido
Há um sentido.
Como eu e você no tempo e no espaço
Como pistaches e pastiches no mesmo poema
Como as cartas reencontradas na gaveta perdida
Há um sentido.
Há um sentido
No caminho da borboleta
No percurso da escrita
Na via que a palavra encontrou.
Há um sentido
Na arritmia do desejo
No descompasso da respiração
No tropeço nas dobras da linguagem.
Há um sentido
No moletom que se sonha
Na voz em monotom
No que move transbordamentos.
Há um sentido
Que talvez não haja.
Há um sentido
Que talvez aja.
Há um sentido.

ADHIAMBO

Por Livia Ferreira Rocha Souza

O mundo que aqui se conta é feito o sol e a lua.

É feito de cores e de cantoria.

É feito o abraço da mãe África.

É feito a terra e a água.

É feitos olhos riacho.

É feito chuva.

É feito para quem conta e para quem escuta.

É feito Adhiambo.

Adhiambo é uma menina negra, de pele tons da noite. Seus olhos são grandes e redondos feitos jabuticabas. E seu cabelo crespo mais parece uma coroa sobre sua cabeça.

Todas as noites Adhiambo se senta sobre a pedra mais alta da sua aldeia, e de lá observa a mãe da noite, a lua. A lua também observa Adhiambo, e ilumina o seu caminho de volta para casa.

Adhiambo é filha da mãe África, nascida na aldeia Macum, e gerada pela força feminina Zene e pela força masculina Zola.

O povo de Macum acredita que os seus ancestrais os protegem e os guiam para a felicidade. Acreditam também que a natureza é o amor diante dos olhos de toda uma gente.

A mãe de Adhiambo lhe conta que seu nome é gerado da noite, mas que a noite pode ser perigosa quando as nuvens cegam a lua.

Certa noite, todo o povo de Macum festeja a chegada das águas.

A chuva traria vida nova aos rios e as plantações. Traria água boa para o povo que há meses enfrentava uma forte seca.

Era uma noite repleta de felicidades. Todo o povo se vestia com roupas que lembravam a alegria, riscavam o rosto com tintas brancas para simbolizar a chegada da chuva, todo o povo formava uma grande

roda, cantavam, dançavam e como tradição ao final de todo o festejo erguiam os braços para ao alto e agradeciam ao céu.

O avô de Adhiambo era o homem mais velho e sábio da aldeia. Seu nome era Badru. Naquela noite ele estava sentado embaixo de uma grande Baobá contando histórias para as crianças. Ele contava sobre as histórias passadas de Macum, sobre o passado do rio Lúrio, o mesmo rio que cercava a aldeia no tempo presente. Ele contava sobre a sua chegada ao mundo, sobre ser abençoado pelas águas do rio Lúrio. Ele contava também que o céu sempre mandava a chuva em forma de gente, bastava se fazer poesia pra ver.

Adhiambo escutava tudo atenta, quando viu de longe pequenina a mãe da noite surgir por detrás das casas.

Devagarinho Adhiambo andou até a pedra mais alta da sua aldeia, e lá chegando contou todos os seus segredos à mãe da noite e contou sobre a felicidade que a invadia com a chegada da chuva. Foi neste momento que Adhiambo fechou os olhos e libertou todas as palavras de sua boca:

No meu cantinho passarinho me contou, lá vem a chuva, chuva os olhos do amor.

Lá vem menina noite sinha Adhiambo, lá vem menina noite sinha Adhiambo...

Parecia que Adhiambo flutuava sobre aquelas palavras. Parecia até que havia se passado uma eternidade. Era como se aquelas palavras tivessem cheiro de rio e a beleza do luar.

De repente, em um despertar confuso, Adhiambo abriu os olhos e era dia, o sol governava o céu e a mãe da noite havia desaparecido, assim como a pedra a qual estava sentada, que agora havia se transformado em um barco que flutuava sobre o rio Lúrio.

Adhiambo não sabia o que tinha acontecido, parecia um sonho. Ela então começou a remar, remar, até que o barco parou em um pequeno povoado.

Lá Adhiambo foi recebida pelo homem mais novo e sábio da aldeia, que lhe apresentou Macum. Adhiambo não estava entendendo nada, era como se estivesse em sua própria casa, mas tudo havia modificado, as pessoas, as casas, o rio, o tempo!

Foi aí que Adhiambo percebeu que estava no passado de Macum. Nas memórias passadas do seu povo.

Adhiambo queria chorar, sentia medo, medo de viver no passado para sempre.

Depois de algum tempo, Badru, o homem mais novo e sábio daquela aldeia, lhe contou que há meses todo o seu povo enfrentava uma forte seca, e que todos aguardavam ansiosamente pela sua chegada, pois ela era a menina da noite, que traria o frescor dos tempos, a chuva. Ele lhe contou que só Adhiambo poderia fazer chover, pois ela teria as palavras do luar e a chuva nos olhos.

Badru, então, lhe contou que com a sua chegada era tempo de comemorar. Quando a noite surgiu, vestiram Adhiambo com roupas que lembravam a alegria. Riscaram seu rosto com tintas brancas que simbolizavam as gostas da chuva, trançaram seu cabelo e nele trançaram uma fita azul.

Badru presenteou Adhiambo com um Tambor, nele estava escrito poemas de amor, o amor é feito a terra e a água. Adhiambo não sabia tocar tão bem quanto o seu povo, mas como mágica tocava-o como uma mestra.

Naquela noite, Badru contou histórias, todo o povo formou uma grande roda, cantaram e dançaram, e como tradição ao final do festejo ergueram os braços para o alto e agradeceram ao céu.

Adhiambo continuava tocando o seu tambor quando seu rosto se ergueu para o alto à procura da mãe da noite. Neste instante, Badru apareceu em sua frente e lhe presenteou com um largo sorriso, Adhiambo sorriu também. Era um sorriso largo e feliz!

Com uma mão, Badru segurou as mãos de Adhiambo sobre o tambor, com a outra mão deixou que caísse as lágrimas do rosto da menina da noite. Foi neste momento que Adhiambo entendeu tudo e foi guiada pelo olhar e pelo sorriso de Badru até o dia novo.

Era manhã, e em um despertar confuso Adhiambo acordava, o sol governava o céu, ela estava deitada sobre a pedra mais alta da sua aldeia e de longe escutava seu povo gritar pelo seu nome.

Adhiambo corria ao encontro do seus pais, a saudade agora a invadia.

A terra estava quente e seca, e a chuva não havia chegado.

Seu avô Badru, o homem mais velho e sábio da tribo, adoeceu de saudade, adoeceu pela espera da chuva. Adhiambo foi a seu encontro e lhe presenteou com um sorriso, Badru sorriu também e partiu. Naquele instante, a tristeza invadia Adhiambo.

A aldeia estava em silêncio e se despedia da sabedoria do homem mais velho e sábio.

A noite ecoava saudades, e ninava a menina.

Pela janela do quarto, a lua, a mãe da noite, entrava com a sua luz e com a menina adormecida sobre seu colo a deitou sobre o tambor que ecoa o som da chuva. E lá do céu fez Adhiambo chorar de saudade ao reencontrar com o seu avô Babru, os dois sorriram com os olhos, eram sorrisos largos e felizes. As lágrimas de Adhiambo se pareciam com as águas do rio Lúrio, escoava suave sobre sua face pequena, e num percurso ligeiro chovia sobre a terra seca e quente.

No amanhecer do dia novo, todo o povo de Macum acordava com o som da chuva

Adhiambo havia deixado a aldeia, mas deixou uma fita azul trançada nos galhos da grande Baobá.

Era um novo dia de um novo ciclo.

Os pais de Adhiambo assim como todo o povo de Macum sorriram para o céu, eram sorrisos largos e felizes, que se refrescavam com as gotas da chuva.

Até hoje, em Macum, a chegada das águas é festejada ao som da Adhiambo, a menina da noite. Todos se vestem com roupas que lembram a alegria, riscam o rosto com tintas brancas que simbolizam as gostas da chuva, trançam os cabelos e nele uma fita azul.

Uma grande roda se forma, o povo sorrir ao céu, são sorrisos largos e felizes e, como tradição ao final o festejo, libertam as palavras para o luar...

No meu cantinho passarinho me contou, lá vem a chuva, chuva os olhos do amor.

Lá vem menina noite sinha Adhiambo, lá vem menina noite sinha Adhiambo.

EROS UMA VEZ

Por Luís Henrique Sacchi

Eros uma vez, ao se encontrar enfermo, enveredou-se no interior da floresta do nosso reino em busca de convalescença. Atraído que fora, avizinhou-se da masmorra do Príncipe. Que nome tinha o Príncipe? Ora, bem o sabemos que de tão apáticos que são, os príncipes nem nomes recebem nos contos de fadas. Antes que percamos o fio da narrativa, retornemos a Eros que à entrada da clausura, acomodou-se para repousar e refletir sobre uma sucessão de fatos aparentemente desconexos. Teve a lembrança de um encontro remoto travado com o nosso amigo Príncipe, mas a recordação, de tão distante no tempo, ocorria-lhe meio embaçada. Com sucesso, esforçou-se em buscar mais reminiscências. Ao confrontar o episódio passado com o contexto atual, notou o Príncipe modificado no seu comportamento, alienado demais das notícias que a gazeta publica, do disse que disse que circula de boca em boca. Por isso, Eros não teve suspeita nenhuma de que um novo diálogo com o Príncipe não seria dos mais fáceis, mas, ainda assim, sabia da potencialidade benéfica que uma conversa íntima poderia render a ambos.

Convite não houve, mas quem está disposto a afrontar um deus determinado a se alojar em sua residência? Decerto não seria o Príncipe, sobretudo, por ser um cavalheiro versado nas etiquetas, de fato, uma das poucas qualidades que os príncipes carregam. Desse modo, sem anunciar por quanto tempo permaneceria, Eros se hospedou na masmorra e realmente se mostrou uma companhia salutar. O Príncipe o acolheu com lealdade e sempre procurava ser gentil com seu convidado, ainda mais por sabê-lo adoentado. Eros, cujo propósito último é lançar uma flecha certa em todo e qualquer peito que pulse, procurava entender tudo o que se passara com seu anfitrião nos longos anos em que não se viram. O modo cerimonioso como o Príncipe se relacionava com as pessoas levou Eros à conclusão de que ele estava por demais apartado daquilo que chamamos de sensibilidade humana. Seus gestos e falas eram tão calculados em termos protocolares que só lhe era possível sentir algo à luz de um encadeamento de ideias que no último estágio produzisse uma conclusão irrefutável. Eros compreendeu que o Príncipe havia erigido uma camada de isolamento para proteger seus sentidos das sensações que a experiência imediata pode provocar. Mas não nos esqueçamos de que Eros é metucioso e a paciência é sua companheira. Por meses, o diálogo com o Príncipe se desenvolveu aos trancos, penoso. Eros analisou minuciosamente os aspectos da sua personalidade atual. Parecia que nada o atingiria, nenhuma insinuação com palavras declaradas por uma voz adocicada; nenhum decote pronunciado que causasse ebulição no sangue de suas veias; nenhum olhar lânguido, de relance, que instilasse a dúvida que o soslaio vez ou

ODISSEIA
literária

N.º 2, vol. 2, 2022

outra induz. Nada! Eros não encontrou uma única perspectiva de vê-lo seduzido por uma mulher. Como poderia o Príncipe ter se tornado tão imune aos sortilégios femininos? É digna de louvor a serenidade de Eros que, inabalável, manteve o escrutínio da alma do Príncipe. Pressa pra quê? A peça fundida, no seu cerne, revelará sua imperfeição. Eros apenas buscava essa pequena falha estrutural na blindagem do Príncipe e no momento certo a encontrou. Após anos de afastamento, o Príncipe desenvolvera um sentimento de soberba, era convicto de que estava apartado de quaisquer paixões. Essa altivez elevou demais a sua confiança. Eros se apercebeu dessa fissura minúscula no peito do Príncipe. Eis que ali jazia a fragilidade, o único flanco passível de exploração. Dentre tantas flechas de sua aljava havia uma que estava reservada ao coração de um único homem. Essa flecha que não surtiria efeito em nenhum outro coração humano era a única flecha que poderia perfurar o coração do Príncipe. Ela sempre esteve ali na aljava, pronta para vencer a fissura, que, em verdade, nunca se quis fazer oculta. Eros se levantou, estendeu a mão para trás, retirou a flecha sem precisar escolhê-la porque ela lhe veio à sua mão e então esticou o seu arco ao limite da ruptura. A flecha fora lançada e encontrou seu alvo no peito do Príncipe. Eros salvara o Príncipe. Seu coração trespassado pela seta verteu-se em líquido e então extravasou em todas as direções. O sangue que se derramou era o amor apaixonado, pleno de beatitude. Esse sentimento que transbordou do peito do Príncipe contagiou Eros que se viu inundado de bem aventurança. Enfim, Eros era todo poder, a emanção do amor, eximido de qualquer moléstia. Ambos permaneceram abraçados por algum tempo em gratidão mútua até que o Príncipe lhe indagou: —Por que só em mim? Por que suas flechas não vêm em kits para casais? — Eros respondeu: —*Meu poder é limitado, mesmo minhas intervenções agem apenas como o estopim. As ondas de choque que sucedem são incontrolláveis a ponto de causarem espanto em todos os deuses, até mesmo no grande Zeus.* — Eros então partiu, não sem antes se despedir do seu salvador.

Mas que elementos alquímicos havia por trás da fissura? A resposta é sempre a mesma: o improvável que oculta, simultaneamente, a obviedade. Um canto alegre que vinha de fora da masmorra já preencheria o ambiente. Era o canto de Rapunzel que o Príncipe começara a ouvir, marcado por uma precisão única. Havia uma assinatura naquela voz, uma entonação que imprimia uma firmeza que o Príncipe jamais reconhecera, exceto nele mesmo. Era a determinação, o que lhe era mais caro e que ele havia perdido quando se recolheu ao seu calabouço. E assim, ao fazer a leitura daquela obstinação resoluta num outro ser, mas que também era sua, seu coração mais ainda sangrou. Sangrou ao canto que Rapunzel entoava à porta da masmorra. Ao mesmo tempo essa melodia era o seu bálsamo e seu alento. Em verdade, Eros lançou uma segunda flecha que atingiu o fígado do

Príncipe, mas isso não é assunto para poucas páginas, que a embriaguez aguarde o seu momento, em outra história.

Foi assim que Ocitocina estendeu sua mão para Dopamina e foram passear alegremente. Todas as cores do bosque, então, realçadas, tudo brilhando um pouco mais do que a própria realidade imediata permite. Serotonina e as irmãs Endorfinas brincaram alegres de jogos infantis. E não poderia haver local desconhecido no bosque, uma vez que todos os cantos e recantos terminariam por ser usados como esconderijo. O bosque estava desnudo diante da ciranda dos sentidos, amplificada pelos hormônios. Tudo era luz que se refratava pelas copas das árvores em sintonia com gorjeios orquestrados de pássaros de toda sorte. Que bom seria, ah que bom seria, se assim o fosse...

Para bem dizer a verdade, na forma mais crua que me é possível, quão lamentável se tornaram nossos campos. Aqui, nada mais pode seguir o seu fluxo natural. No nosso reino, tudo se tornou tão imediato e automático que às engrenagens não é consentida nenhuma disfunção. Essa urgência das coisas culminou por contaminar os nossos velhos druidas. Não mais nos é permitido descortinar a própria dor. Estamos proibidos de nós mesmos. Ninguém mais pode defrontar-se com o demônio no fundo da masmorra, ou odiá-lo, ou abraçá-lo, o que podemos é apenas negá-lo. Tudo precisa passar pelo amortecimento das pílulas coloridas para que a experiência não nos atormente em demasia. Pois foi assim que os mórbidos Rapunzel e Príncipe puderam caminhar lado a lado, de mãos dadas, porém alheios um do outro e de si mesmos. Dois pares de olhos vidrados que não mais encontrariam foco em coisa alguma do bosque, quer fosse cena horrenda, quer fosse a manifestação do belo. Dois corpos unidos no absentismo e que caminhavam pusilânimes, quase invisíveis de tão indiferentes a tudo. Enquanto Clonazepam, efusiva, deu a mão à Fluoxetina, Bromazepam afagou carinhosamente os cabelos de Citalopram, Diazepam olhou com ternura no fundo dos olhos de Sertralina, Lorazepam declarou seu amor infinito e irrestrito à Paroxetina e Oxazepam beijou suavemente a fronte de Escitalopram. Quando a tarja preta do Príncipe se enamorou da tarja preta de Rapunzel, o romance que floresceu foi o doce enlevo da vacuidade.

NADA É VÃO, TUDO É SÓLIDO

Por João Marcelo Francisco Felício

Como mais um número, Amberly andava por aquela rua, completamente só, sob as estrelas e com um turbilhão de emoções surgindo de seu coração e vagando até seu pensamento. Sentia profunda tristeza, ódio e raiva (de si, e daquele cujo rosto nunca mais veria). Porém, ao mesmo tempo em que sentia o sorvedouro de emoções, não sentia nada, estava vazia de si mesma, longe de se encontrar naquelas roupas rasgadas, ou nos hematomas de seu corpo; gostaria apenas de encontrar um lugar para se sentir segura.

Naquele dia, mais cedo, a jovem estudante de jornalismo acordara sentindo-se completamente feliz. Diversos eram os motivos para se sentir de tal forma, havia conquistado seu sonhado troféu de aluna destaque de sua universidade, após escrever uma extensa reportagem sobre corrupção política institucional, área na qual gostaria de atuar. Além de tal fato, aquele fatídico dia vinte e três também marcava a data de comemoração de três anos de namoro com Galileu, antigo amigo de infância, o qual amava de forma imensurável.

Tudo indicava que o dia de Amberly seria perfeito, o melhor dos últimos anos de sua vida. Quando finalizou a rotina matinal, a futura jornalista trancou seu pequeno apartamento, foi em direção ao ponto de ônibus mais próximo e se encaminhou para o itinerário rotineiro. Como sempre, antes de chegar à faculdade, ouvia sua “playlist”, animando seu dia. Então, notou o estopim dos acontecimentos que se seguiriam, percebeu que havia esquecido o celular em casa. A estudante decidiu não se importar com o aparelho e entrou em sua sala de aula.

O dia decorreu como qualquer outro, com o fim da última aula marcado pelo almoço com os amigos que formou em sua turma. Mas Amb, como era apelidada, decidiu sair da faculdade após o soar do sinal que indicava o término das atividades acadêmicas daquela sexta-feira e foi direto para o trabalho, onde cumpria a função de revisar artigos que seriam postados no site “Knowless”, dizendo aos amigos que os veria mais tarde no bar onde haviam marcado para comemorar o aniversário de namoro da amiga.

Como sempre, andou até o prédio onde residia a redação do site ao qual era subordinada. Aplicada como era, Amberly adiantou as revisões do dia, finalizando tudo às dezessete horas, cerca de uma hora antes do convencional. Então, a jovem saiu de seu cubículo e foi até a sala de seu redator, explicando a ocasião especial e pedindo para sair mais cedo; e o mesmo, autorizou.

ODISSEIA
Literária

N.º 2, vol. 2, 2022

Saindo do prédio no centro da cidade, naquele fim de tarde, a jovem se deparou com o pôr do sol mais lindo que já havia visto. Comemorou aquele fenômeno passando por sua florista favorita e comprando um botão de rosa, para enfeitar sua vida e sua casa.

Chegando em casa, não se recordou de seu celular, foi direto se arrumar para o evento que se aproximava. Colocou o conjunto social descolado que comprara na semana anterior, deixou os cabelos livres e caprichou no detalhamento de sua maquiagem, saindo de casa mais uma vez, sem se atentar ao celular que havia esquecido. Lembrou-se das juras lindas que o amor de sua vida, Galileu, fez na noite anterior ao aniversário de seu namoro, dizendo o que os dois seriam para sempre, que eram como uma dança no final de uma noite de diversão, completamente memorável, e foi ao seu encontro no fim da rua do prédio de Amb, para que pudessem seguir até o local combinado para a comemoração com os amigos de ambos.

Quando passou pelo porteiro, desejou-lhe boa noite, e, em retribuição, o mesmo dizendo-lhe que estava linda. Passou pelo ponto de ônibus em que costumava estar em todas as manhãs de faculdade, desceu a longa rua e avistou aquele que amara ao longo dos últimos mil e noventa cinco dias anteriores. Correu ao seu encontro, mas, quando aproximou-se, Galileu a recebeu de forma horrenda, externando palavras que ofenderiam qualquer pessoa sã, não somente humilhando-a, mas também a seus amigos e familiares. Amberly estava em estado de pânico, e a única coisa em que conseguia pensar era nas oito vezes anteriores em que Gali a tratou da mesma forma, mas que foram corrigidas com promessas de melhora, mas que, infelizmente, duravam alguns meses e desapareciam. Lembrou-se de todas as vezes que pensou em contar sobre as agressões verbais de Galileu, mas desistiu, por se enganar e acreditar que o amor de ambos iria superar uma “turbulência” ocorrente.

Após ouvir barbaridades, Amb recuperou a consciência da realidade, se virou e começou a retornar para sua casa. A rua completamente vazia favoreceu o que se seguiu, quando Galileu agarrou-a pelo braço e atirou-a em uma viela próxima, tentando se colocar sobre corpo de Amberly, rasgando seu blazer florido e a alça de sua camiseta branca. Ali, naquela situação, a jovem entendeu que deveria lutar por sua vida, então, se debateu o máximo que pode, além de gritar, enquanto o mostro que a machucava, continuava a agredi-la. Após uma forte luta, tentado salvar a si mesma, uma mulher passou pelo local e viu a cena, ajudando a jovem a sair da situação cruel.

Com Galileu desacordado, a mulher chamada Jenevive chamou a polícia, que chegou após alguns minutos. Com o depoimento de

Amberly dado, a polícia liberou a jovem, que, após alguns dias, deveria procurar uma delegacia para prestar uma queixa formal contra o jovem que se encontrava na traseira de uma viatura.

Amb agradeceu Jenevive, que lhe disse que uma mulher nunca estaria sozinha em uma situação assim, e que qualquer agressão, por mais disfarçada que seja, deve ser denunciada. A mulher ofereceu companhia para o retorno à casa de Amberly, mas a futura jornalista recusou e a agradeceu.

Em um turbilhão de sentimentos, sob as estrelas daquela noite, voltou para casa, sentindo, em seu âmago, um turbilhão de emoções. Quando passou pela rua de sua casa, sentiu-se vazia.

Já em seu apartamento, percebeu diversas ligações de seus amigos, que precisavam de uma explicação sobre o ocorrido, mas não a receberiam naquela noite.

Um ano depois, Amberly estava sentindo-se melhor desde o pior momento de sua vida. No mesmo dia vinte e três, a atualmente formada jornalista decidiu expor o que lhe acontecera e a lição que aprendera naquela noite: “mesmo que tudo esteja se desmoronando ao seu redor, sempre teremos alguém para nos ajudar, direta ou indiretamente. Portanto, entenda, nada é vão, tudo é sólido”.

GUILHERME

Por Manuel Tomas

Conheci Guilherme aos meus quinze anos. Me lembro bem do seu gosto musical antiquado – ele dizia que depois da década de 80 o mundo se perdeu – do sapato branco surrado, das calças jeans a preço de fábrica e do cheiro da cozinha da mãe dele. Dona Lene sempre me recebeu muito bem.

Lembro de uma vez em que, voltando pelas ruas de São Roque – era meu último dia na cidade antes de voltar à capital – Guilherme me levou para um bar. Não de maneira premeditada: nada era premeditado. Guilherme não era premeditado. Ele fazia tudo que lhe passava pela cabeça. Não tinha metas, não tinha planos, nunca pensava em afazeres pela manhã e jamais se permitia à sofrência de qualquer anteprojeto que lhe tolhesse a gentileza do sonho. Guilherme era uma paz sem fim.

Comigo não foi diferente. Me puxou pelo braço, me fez entrar no bar e mentir minha idade, pegamos duas cervejas das mais baratas e subimos ao andar de cima. Era um monte de gente enjaquetada em meio ao sol findante das 18h da tarde que adentrava pintado nos vidros da janela; um monte deles mais velhos, outros montes indecifráveis em meio à miríade de rostos de fumaça ornamentados por cabelos esvoaçantes, lábios grandes, rostos corados, num limite indeterminado entre o homem e a mulher. Jogamos bilhar.

Me lembro bem que jogamos por tempo o bastante para aquele sol dourado do céu são-roquense se tornar prata e redondo nos tons dos olhos de Guilherme. Guilherme tinha os olhos mais claros que eu já vi – o que nunca havia reparado até que ficássemos próximos o bastante para que ele me ensinasse a jogar. Jogamos, e deixamos que o tempo se esvasse mais rápido que as cervejas de nossas garrafas – não usávamos copo, não fazíamos cerimônia e nem mesmo discriminávamos de alguma forma o que era meu e o que era dele. Não pensávamos no tempo, muito menos nessas besteiras.

Mas eu pensava em Guilherme.

Nunca me vi como um homem gay. Era jovem demais pra ter em mim qualquer malícia, e bobo demais pra pensar no que não se dizia de forma espontânea. Sentia como uma coisa qualquer de menino jovem que eu era, que cresce por dentro e ali mesmo fica, que sementa, se aloja, se cria feito broto que cresce no mato, como eu mesmo, e fica ali, enramando no peito. Mas quem guarda um segredo, como Guilherme era o meu, sabe que em um ponto a gente não se aguenta. Dá em um

ODISSEIA
literária

Nº 2, vol. 2, 2022

momento de a gente pôr flor pela boca, buscando na íris alheia de alguma forma o pomar de cores e frutas que a gente mesmo criou. E quando encontra a gente se finda. Se brota. Se mergulha. Acha o próprio Éden humanizado na Terra, em meio a um par de olhos que se pode tocar. E em algum momento, em algum instante, em um átimo que dura até onde dura o meu tempo e se expande até onde vai minha memória, me faltou lucidez para discernir o que era Guilherme e o que era eu. Como uma vez que a gente nunca esquece. E permanece. E ainda fica em mim.

No momento não me culpei, não fiquei assustado, não me dei por falso e nem caí no engano em dizer a mim mesmo que era só um momento de rebeldia, extravagância, ou que vá lá deus saber o quê. Não me arrependo, não me condeno e ousou dizer que jamais, por toda minha vida, houve momento algum em que me senti da mesma forma. Mergulhei foi de cabeça, e encontrei um mar de cor. Guilherme era uma cidade em si.

Naquele dia, voltei pra casa despegado de mim mesmo, como quem deita e não dorme, porque onde encontra o corpo a cabeça não acha espaço. Eu já não morava em mim mesmo. E tantos anos depois, eu ainda não moro mais.

Guilherme foi meu primeiro amor.

PESCADAS

Por Tadeu Renato Botton Ribeiro

Luz apagada, fecho o livro e os olhos. O corpo relaxado, um suspiro longo para acomodar o sono e ouço um eco do que acabo de ler: o pai do escritor Lima Barreto, subitamente, enlouqueceu. Foi dormir lúcido e, no meio da madrugada, acordou delirando. Nunca mais se recuperou. A imagem desse pai dormindo na véspera da loucura me traz a curiosidade de saber como é o meu próprio rosto neste momento em que estou estirado na cama, madrugada nascendo – das questões infantis que me acompanham ainda hoje: saber com qual rosto os outros me reconhecem. E ao pensar em meus traços, a imagem que surge é do meu avô (com quem eu me pareço) deitado em seu caixão, prestes a virar cinzas. Sou eu ali, morto? Sorrio, como também minha mãe sorria em seu próprio velório. Meu avô estava lá, se despedindo da filha. Quando na vez dele, eu estava lá (como estou agora, revendo seu rosto) velando o corpo ao som da música caipira que tocava ao fundo: Saudade de Matão. A convivência com o gosto musical desse avô, aliada ao discos que meu pai escutava, fez do caboclo que habita em mim alguém que muitas vezes toma minhas mãos para escrever meus textos. E quando adentro essa roça da imaginação, a referência é quase sempre uma fazenda a que fui uma única vez, criança. Parentes de uma vizinha que gostava muito de mim. E sua sobrinha, moradora da fazenda, também me gostava, a ponto de procurar subterfúgios, naquela exclusiva visita, para me arrancar um beijo. Na época não percebi esse estratagema, estava ocupado em apreender a vida no campo. Quando me dei conta de que Raquel queria me beijar, já estava longe e, num misto de vergonha e raiva, ri exageradamente de qualquer piada que fizeram no carro.

Raquel era sobrinha de dona Ana, o rosto que me visita agora, luz fechada, livro apagado, olhos por dentro. Por que penso em dona Ana agora? Lembro que passava muito tempo na casa dessa mulher, mais velha que minha mãe. Ela parecia gostar da minha presença, mas talvez minha memória não enxergue os olhos virados de quem preferiria estar assistindo televisão. Não, dona Ana gostava mesmo de mim, me trazia laranjas da fazenda, me oferecia leite com chocolate, me apresentou o café. Dona Ana e seu marido (como era o nome dele?) que tinha um dedo a menos por conta de um acidente com fogos de artifício. Imagino o estouro e logo sou lançado a uma recordação: estou na rua, ano-novo pipocando e meu avô me ajudando a estourar um rojão. Saiu um tiro. Saiu o segundo tiro. O terceiro se recusou. Esperamos alguns segundos, mas nada. Meu avô, segurando o rojão comigo, abaixou o objeto, que estourou o pavio no exato momento em que estava frente aos meus olhos. Gritos, choro. Os adultos me socorrem. Meu avô se

ODISSEIA
literária

N.º 2, vol. 2, 2022

desespera e fico com pena de sua culpa materializada em uma caminhada sem sentido. Paro de chorar, está tudo bem, vô. Olha, até consigo piscar.

Pisco de olhos fechados, forçando as pálpebras que já descansavam, livro sem luz. Dona Ana rindo porque bebi água com formiga sem perceber, ela dizendo que tamanduás não precisam de óculos, uma vez que esses insetos fazem bem para a vista. Acho que engoli poucas formigas, minha miopia bem sabe. Só agora me atento que sempre gostei da companhia dos mais velhos. Ao mudar de bairro, deixo dona Ana (por onde anda Ana, dona?) e começo a frequentar a casa da tia paterna. Anete gostava de ler - muito - e compartilhava comigo este sabor. Contava enredos, me fazia inventar outras histórias (meu pai também tinha prazer em criar comigo; era brincadeira familiar deles?). Anete foi que me ensinou a língua do P, da qual fiquei fluente, conversando por horas nesse nosso idioma secreto. Ela quem me apresentou o kiwi, a fruta-pássaro que conseguiu se colocar em um patamar próximo ao das laranjas, paixão do menino. Ana, Anete, Iolanda, a tia materna que virou minha próxima companheira mais velha. Esse “an” se repetindo nos nomes pelos anos. Iolanda e nossas risadas madrugadas adentro, acordando meu avô: vocês falam muito, ele resmungava, antes de voltar para a cama.

Abro os olhos novamente, não deliro nem estou morto. O pai de Lima Barreto continua ali no livro, recontado em sua repentina insanidade. O quarto escuro, a respiração da companheira e dos cães espalhados no quarto nessa noite fria confirmando a vida. Tudo ocorrendo por décadas ou – nossa! – nos últimos dez minutos. Luz apagada, livro os olhos de estar acordado e dou boa noite a todos que conversam aqui dentro: vocês falam muito.

SEXTOU

Por Jaqueline de Oliveira Alves

Uma sexta à noite como outra qualquer. Vejo meu reflexo no vidro das janelas do metrô em movimento enquanto passa pelo túnel escuro, deixando bem nítida a imagem, que passo o percurso encarando sem saber ao certo por quê. A mente está calma, uma calmaria cansada depois de algumas horas de pensamentos conturbados. Após uma ou duas estações a música que antes fluía dos fones para o ouvido cessou devido à falta de conexão com a internet, o momento perfeito para refletir sobre a vida. Analisando a imagem projetada, reconheço a longa camiseta preta que dá uma pista de onde será o destino final da viagem, a sua combinação com a calça jeans que sei estar com a barra levemente dobrada e o All Star roxo surrado dão um ar despojado ao visual. Pendendo próximo ao coração está uma espécie de adaga que vem pendurada a um cordão, ambos de material prateado. O cabelo escuro simulava uma cortina ao redor do rosto, cortina esta um pouco longa para o padrão do utente. Era fácil reconhecer os traços de todas as partes do rosto, menos os olhos, eles pareciam levemente desfocados e escurecidos no reflexo oferecido. Apesar do estranhamento, continuei a análise, agora não apenas da figura a minha frente. O transporte se encontrava levemente cheio, em condições normais para o horário. As duas moças sentadas em frente a mim conversavam e riam de alguma coisa da qual nunca não saberei explicar. Próximo a uma das portas, havia um grupo de jovens conversando sobre qualquer outra coisa, eles pareciam contentes. Agora estávamos parados em uma estação, o reflexo, antes tão claro, neste momento se encontrava difuso, e o metrô segue viagem. Voltando à escuridão dos túneis, onde tudo, ou quase tudo, parece tão claro, percebo que as palavras que não reconheci anteriormente ficam indistintas somadas ao som produzido pela movimentação do transporte, mas não me importo, neste momento só preciso ouvir uma voz, e ela está bem clara para mim.

Outra vez volto a encarar aquele rosto comum em meio a tantos outros, mas que permanece com um detalhe que me incomoda: não reconheço os seus olhos. Neste momento me vem Modigliani à mente, o artista que não pintava os olhos em suas obras. Segundo ele, os olhos dizem muito sobre as pessoas, então o que os meus diriam de mim neste momento? Para Modigliani provavelmente nada, pois ele não conhecia minha alma. Mas... para mim eles deveriam dizer algo, ou será que não? O que faltaria a minha alma para que eles dissessem algo? Este pensamento me deixou triste, e logo senti os olhos lacrimejarem, as lágrimas se formando para sair, mas daí me surpreendi com a carga de coisas que aquele pequeno acúmulo de água me dizia naquele instante, como de um aparente vácuo poderiam surgir tantas coisas?

ODISSEIA
literária

N.º 2, vol. 2, 2022

Instantaneamente um alívio tomou conta de mim. Apesar de não ser capaz de ver com nitidez, soube que, por baixo daquele confuso véu preto, havia algo mais, e, por mais que não pudesse vê-lo, senti este algo se revirar confortavelmente dentro de mim, como alguém encontrando uma posição confortável enquanto dorme calmamente. A grande movimentação que se seguiu fez com que eu percebesse que havia chegado ao fim da linha, peguei minha mochila e segui o fluxo de pessoas escada acima. Após fazer a transferência, não tardou muito para que a melodia outrora interrompida voltasse a soar, e logo, ao entrar no próximo vagão, já havia voltado ao meu mundo particular, onde eu só queria apreciar a música e seguir viagem tranquilamente.